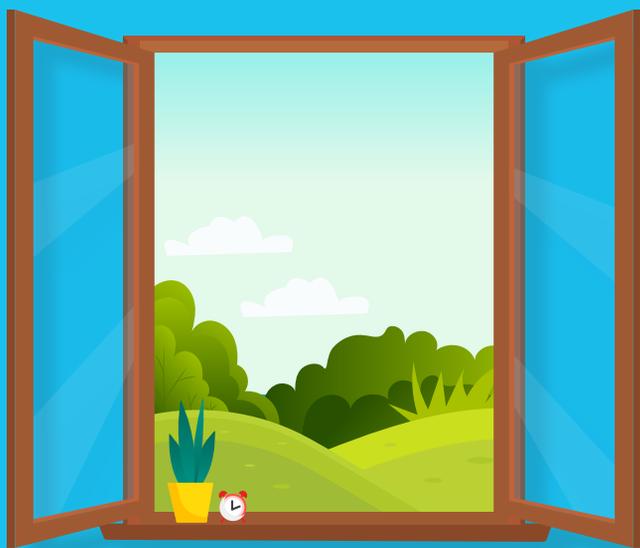


Coleção
JANELA DO SABER

••• EDUCAÇÃO INFANTIL •••

Desenvolvimento Socioemocional



Sarah Gunha Mendes
Pura Lúcia Oliver Martins

Coleção
JANELA DO SABER

Desenvolvimento **Socioemocional**

Sarah Gunha Mendes
Pura Lúcia Oliver Martins



PUCPR
GRUPO MARISTA

**PUCPRESS**

FTD
educação

**CONTEÚDO
ABERTO**

Esta coleção, na totalidade ou em parte, não pode ser reproduzida por qualquer meio sem autorização expressa por escrito da Editora.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Reitor

Ir. Rogério Renato Mateucci

Vice-Reitor

Vidal Martins

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Paula Cristina Trevilatto

PUCPRESS

Coordenação

Michele Marcos de Oliveira

Edição

Juliana Almeida Colpani Ferezin

Preparação de texto e revisão

Juliana Almeida Colpani Ferezin

Capa, projeto gráfico e diagramação

Paola de Lara da Costa

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat
Rua Imaculada Conceição, 1155
Prédio da Administração - 6º andar
Campus Curitiba - CEP 80215-901
Curitiba / PR
Tel. +55 (41) 3271-1701
pucpress@pucprbr

FTD

Diretoria Geral

Ricardo Tavares

Diretoria Educacional, Plataformas e Serviços

Cecilyany Alves Feitosa

Gerência Educacional

Sonia Cristina Alves Furquim

Gerência Marketing

Clayton Luiz Ferreira de Oliveira

Pool Educacional

Ana Paula Xavier

FTD Educação

Rua Rui Barbosa, 156 - Bela Vista
São Paulo / SP
CEP 01326-010 - www.ftd.com.br

Conselho curador

Alboni Marisa Dudgeque Planovski
Vieira (PPGE/PUCPR)

Sonia Cristina Alves Furquim (FTD)

Ana Paula Xavier (FTD)

Michele Marcos de Oliveira
(PUCPRESS)

Juliana Almeida Colpani Ferezin
(PUCPRESS)

Susan Cristine Trevisani dos Reis
(PUCPRESS)

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk - CRB 9/1118

M538d Mendes, Sarah Gunha
2022 Desenvolvimento socioemocional / Sarah Gunha Mendes ; Pura Lúcia
Oliver Martins. – Curitiba : PUCPRESS, 2022.
45 p. ; 21 cm. – Educação infantil ; v. 2

Bibliografia: p. 36-43
ISBN 978-65-5385-026-2 (PDF)
ISBN 978-65-5385-024-8 (E-book)

I. Crianças – Desenvolvimento. 2. Psicologia infantil. I. Martins, Pura
Lúcia Oliver. II. Título.



APRESENTAÇÃO

O livro traz para reflexão as implicações da afetividade para potencializar a aprendizagem na primeira infância, especificamente em relação às crianças de 0 a 3 anos. Focaliza a importância das relações interpessoais nos primeiros anos de vida e a importância dessas relações no desenvolvimento físico, emocional e social da criança.

O objetivo é contribuir com a prática pedagógica das professoras de Educação Infantil, pela valorização das relações afetivas com as crianças. Inicialmente são apresentados fundamentos teóricos sobre concepção de infância na sua historicidade; aprendizagem, interações e afetividade; implicações para a aprendizagem das crianças; prática pedagógica e formação do professor. Em seguida, são descritas as implicações do afeto na primeira infância para o desenvolvimento das crianças.

Por fim, destaca a importância de o professor entender a criança como pessoa de sentimentos e emoções que precisa de trocas de afeto. Defende a afetividade como um elemento formador e humanizador.



SOBRE A COLEÇÃO

A Editora PUCPRESS, em parceria com a FTD, apresenta aos docentes que atuam na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a Coleção Janela do Saber, cujo objetivo é estimular a reflexão sobre temas relacionados à prática pedagógica e colaborar na formação continuada desses profissionais.

Os volumes desta coleção trazem o resultado de pesquisas realizadas por acadêmicos e professores do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.



SOBRE AS AUTORAS

Sarah Gunha Mendes

Licenciada em Pedagogia pela PUCPR; possui formação docente normal – Ensino Médio pelo Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto; cursa especialização em Neurociências, Educação e Desenvolvimento Infantil na PUCRS. Possui experiência em Educação Infantil e Educação de Jovens e Adultos.

Pura Lúcia Oliver Martins

Doutora em Educação pela USP; Professora Titular na graduação e pós-graduação em Educação da PUCPR; coordena o Grupo de Pesquisa Práxis Educativa: dimensões e processos, certificado pelo CNPq; pesquisa e escreve sobre didática, formação de professor; ensino e aprendizagem. É bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq.

SUMÁRIO

CONTEXTO 06

ITINERÁRIO DE APRENDIZAGEM 12

Um olhar para a infância 12

A criança hoje 14

Aprendizagem, interações e afetividade 16

Afetividade na aprendizagem 21

Afetividade: importância e implicações 23

Afeto, prática pedagógica
e a formação do professor 27

Afeto e a relação professor-aluno 29

SÍNTESE DO APRENDIZADO 33

REFERÊNCIAS CONSULTADAS 36

INDICAÇÕES DE LEITURA 42

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DESTA COLEÇÃO 44



Olá, educadores!

Este volume traz para reflexão as implicações da afetividade para potencializar a aprendizagem na primeira infância, mais especificamente em relação às crianças de 0 a 3 anos. O documentário *O começo da vida* (O COMEÇO, 2016), dirigido por Estela Renner, que aborda, principalmente, a importância das relações que se estabelecem nos primeiros anos de vida de uma criança e a influência delas em seu desenvolvimento físico, emocional e social, provoca inúmeras reflexões, que traremos neste volume.

Andrew Meltzoff, pesquisador da Universidade de Washington afirma, no documentário, que: “Os seres humanos aprendem mais – e mais rápido – da gestação aos três anos do que em todo o resto de suas vidas”. Dessa forma, reconhecemos o quão considerável se faz pensarmos em como potencializar e impulsionar essa aprendizagem, porquanto o que o bebê aprende desde o início da vida tem impactos profundos em seu futuro. Estela Renner, cineasta, diretora, roteirista e sócia da produtora Maria Farinha Filmes, que dirigiu, produziu e roteirizou o documentário, reitera: “Nossos bebês são lindas sementes e é nosso papel, enquanto sociedade, preparar o solo e tornar a terra fértil para ver brotar e florescer todo o seu potencial”.

Ademais, desde o nascimento, os bebês estão em contato íntimo com o outro, estabelecendo vínculos, e é essa interação, esse vínculo, que lhe possibilita a inserção e acesso ao mundo. Segundo Renata Meirelles, educadora e pesquisadora do brincar, no documentário *O começo da vida* (O COMEÇO, 2016), “é a relação, que é difícil, que dá trabalho, mas aonde, na verdade, é a formação da criança. É ali que ela vai ter a base,

o substrato de vida dela”. Em decorrência, o vínculo e o afeto são cruciais nos primeiros anos de vida da criança, uma vez que é essa interação que lhe possibilita a inserção e acesso ao mundo, que propicia um desenvolvimento pleno que influenciará o processo de aprendizagem.

Segundo Raffi Cavoukian, fundador do Raffi Foundation for Child Honouring, em fala apresentada no referido documentário:

As relações que um bebê tem nos primeiros anos constroem o seu cérebro. [...] É de importância crítica. Negligências, ou interações pouco amorosas, vão de alguma forma traumatizar o aprendizado emocional do bebê nos preciosos anos de formação. Por isso, temos que fazer tudo o que podemos para garantir que o espelho que oferecemos para o bebê seja o espelho do amor respeitoso.

Assim, compreendemos que a partir dos vínculos e laços afetivos estabelecidos, o bebê e/ou a criança, alcança o verdadeiro potencial que implicará diretamente no processo de aprendizagem. Como já vimos, a aprendizagem começa na primeira infância, muito antes da educação formal, e continua pelo resto da vida. Segundo Heckman (2004, p. 6), “a aprendizagem inicial viabiliza a aprendizagem posterior e sucessos precoces criam sucessos posteriores, assim como insucessos iniciais resultam em insucessos futuros”.

Diante do exposto, fica evidente a importância que pais, educadores e responsáveis têm nas relações afetivas que mantêm com seus filhos, alunos e crianças. Essa relação vai muito além do cuidado e do carinho, colabora para a aprendizagem que influencia na construção de valores, condutas e posturas desses sujeitos.

A primeira infância é uma das etapas mais importantes do desenvolvimento infantil. É a janela em que experiências, descobertas e afetos são levados para o resto da vida. Nesse período a criança se descobre e se situa no mundo.

Segundo o Comitê Científico Núcleo Ciência pela Infância (2014, p. 3):

A primeira infância compreende a fase dos 0 aos 6 anos e é um período crucial no qual ocorre o desenvolvimento de estruturas e circuitos cerebrais, bem como a aquisição de capacidades fundamentais que permitirão o aprimoramento de habilidades futuras mais complexas. Crianças com desenvolvimento integral saudável durante os primeiros anos de vida têm maior facilidade de se adaptarem a diferentes ambientes e de adquirirem novos conhecimentos, contribuindo para que posteriormente obtenham um bom desempenho escolar; alcancem realização pessoal, vocacional e econômica e se tornem cidadãos responsáveis.

Em específico, é na fase de 0 a 3 anos que a criança terá as primeiras cognições, percepções e aprendizagens. É nessa fase que ela se tornará um sujeito social e afetivo. Assim sendo, é importante que esse momento seja valorizado pelos pais, avós, tios, responsáveis, cuidadores, profissionais, a fim de proporcionar segurança e confiança para a criança desbravar, explorar, descobrir e investigar o mundo a sua volta. A propósito, Tassoni (2000, p. 3) trata dos vínculos afetivos da criança nos primeiros meses de vida e relata que:

A relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorre a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar. A base desta relação vincular é afetiva, pois é através de uma forma de comunicação emocional que o bebê mobiliza o adulto, garantindo assim os cuidados que necessita. Portanto, é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem.

Assim, o afeto, o carinho e a atenção são elementos nutritivos que influenciam o destino e o futuro da criança. Além disso, esses elementos são primordiais para as conexões cerebrais que promovem o desenvolvimento infantil e a aprendizagem nos primeiros anos da vida.

Com efeito, a aprendizagem se inicia desde o começo da vida, muito antes da criança entrar na escola. Enquanto cresce e se desenvolve, ela está aprendendo e essa aprendizagem perdura ao longo da vida. Constantemente se aprende algo e todos os dias amplia-se o potencial de aprendizagem, seja por meio de estímulos, de situação, de desafios, de provocações. Há vários motivos que mobilizam o ato de aprender e isso é um processo, aprender leva tempo, o saber não é adquirido de uma hora para outra. A aprendizagem ocorre através das dimensões: cognitivas, sociais e afetivas. Aprendemos porque pensamos, interagimos e sentimos.

Desse ponto de vista, a ênfase recai no âmbito afetivo, visto que a criança aprende nos mais diversos contextos, mas principalmente nos relacionamentos afetivos. Isso porque, o afeto se manifesta a partir do nascimento da criança e fornece o mais forte vínculo entre as pessoas. É por meio desse vínculo afetivo que ela se relaciona, comunica, aprende e se desenvolve na primeira infância.

Ademais, o processo de aprendizagem se dá por meio das relações; os conhecimentos se constroem a partir das interações que as pessoas estabelecem. A esse respeito, Bock (1999, p. 14) afirma que:

A aprendizagem sempre inclui relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre medida pelo outro. Não há como aprender e aprender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar no mundo a nossa vida.

A relação com o outro é de fundamental importância para a aprendizagem e para desenvolvimento da vida afetiva.

O afeto, no processo de ensinar e aprender, torna-se essencial para o desenvolvimento humano, tanto nas relações interpessoais quanto na construção do conhecimento. Para Piaget (1975, p. 265), “afeto e cognição resultam de uma adaptação contínua e interdependente, em que sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações ou das estruturas inteligentes”. E, mais, “enquanto os esquemas afetivos levam à construção do caráter, os esquemas cognitivos conduzem à formação da inteligência” (PIAGET *apud* FARIA, 1993, p. 8).

À vista disso, o documentário *O começo da vida* (O COMEÇO, 2016) mostra que há diferentes formas de compreender e pensar sobre o afeto. Este vai além do abraçar, beijar e dar atenção, ainda que essas atitudes sejam importantes. O afeto também se expressa quando o adulto, o professor, a pessoa responsável pela criança está ligada a ela, é uma questão de relacionamento e de como criá-lo desde o início.

É sabido que atenção, cuidado, carinho, socialização são elementos indispensáveis na formação cognitiva e dar valor a esses aspectos é oferecer à criança a oportunidade de se tornar um cidadão construtivo no âmbito social, afinal, as aprendizagens estabelecidas fazem relação com aquilo que pensamos, sentimos e fazemos e se fazem no interior de nossos vínculos íntimos. A criança que desenvolve uma vida afetiva e emocional rica de valores será uma criança – e depois um adulto – que pode compreender o outro, porque compreende a si mesmo.

Nessa perspectiva, a interação das crianças de 0 a 3 anos de idade com as pessoas e com o meio é fundamental para o desenvolvimento pleno e para a aprendizagem, e à medida que essa interação acontece por meio da brincadeira, da conversa, da contação de histórias, dos passeios e até mesmo das canções, criam-se vínculos e demonstrações de afeto.

Outro aspecto de suma importância são as relações que um bebê tem nos primeiros anos de vida. Essas relações desenvolvem o cérebro, então se elas são carinhosas, otimistas e

positivas, o cérebro se desenvolve ao redor desses valores. Desse ponto de vista,

“ o afeto com a criança nos seus primeiros anos de vida contribuirá para a formação de sua personalidade e sustentará a etapa inicial do seu processo de aprendizagem.

Para encaminhar as reflexões no presente artigo tendo em vista compreender as implicações da afetividade para potencializar a aprendizagem na primeira infância com crianças de 0 a 3 anos, buscamos levantar os conceitos recorrentes de primeira infância, afetividade e aprendizagem, presentes na produção da área para, em seguida, descrever as implicações do afeto na primeira infância, com crianças de 0 a 3 anos, e na aprendizagem nessa faixa etária.

Para tanto, inicialmente são apresentados os fundamentos teóricos explicitando os principais conceitos necessários à compreensão do objeto em estudo, quais sejam, concepção de infância na sua historicidade; aprendizagem, interações e afetividade; afetividade: importância e implicações para a aprendizagem das crianças; afeto, prática pedagógica e a formação do professor.



#QUESTIONE E #REFLITA

COMO ESTAMOS CUIDANDO DE NOSSAS CRIANÇAS EM SEUS PRIMEIROS ANOS DE VIDA, QUE DEFINEM TANTO O PRESENTE QUANTO O FUTURO DA HUMANIDADE?



ITINERÁRIO DE APRENDIZAGEM

UM OLHAR PARA A INFÂNCIA

Ariès (2012), historiador e pesquisador francês, buscou compreender a perspectiva da família e o olhar dela para a infância na época da sociedade medieval. A partir de pesquisas realizadas por meio de pinturas, antigos diários de famílias e testamentos, o historiador constatou que a criança era considerada um adulto em miniatura e o sentimento da infância não existia. Nas palavras de Ariès (2012, p. 99):

O sentimento da infância não significava o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.

O primeiro sentimento de infância é apresentado quando a criança se torna um motivo de distração para os adultos no meio familiar; pois as famílias enxergam nelas sua inocência e ingenuidade, um sentimento que Ariès (2012) vai chamar de “paparicação”. Esse sentimento destacava-se nas mulheres que cuidavam dos bebês e das crianças menores, pois de acordo com Ariès (2012, p. 101), “a maneira de ser das crianças sempre aparece encantadora às mães e às amas”.

O segundo sentimento, a contraponto do anterior, ocorre fora do ambiente familiar; entre os séculos XVI e XVII, o qual Ariès (2012) denomina “moralização”. Para Ariès (2012, p. 104),

“É entre os moralistas e os educadores do século XVII que vemos formar-se esse outro sentido da infância”, quando se preocupam com a disciplina e os costumes da sociedade, acreditando que as crianças precisavam ser preservadas e disciplinadas. Segundo Kramer (1982, p. 20) “a visão da criança baseada em uma concepção de natureza infantil, e não na análise da condição infantil, mascara a significação social da infância”.

A partir dos fatos relatados pelo historiador Ariès (2012), percebe-se que a concepção de infância não era reconhecida pela sociedade, pois as crianças eram tratadas como miniadultos. Somente as mães, moralistas e educadores em minoria preservavam a infância, o que não bastava para que fosse reconhecida socialmente.

Kramer (1982, p. 23) considera os dois sentimentos de infância citados por Ariès (2012) e ressalta que tal concepção é determinada pelo contexto social vigente. Contexto este que se modifica histórica e culturalmente, acompanhando assim, as mudanças na sociedade. Por se tratar de um conceito histórico-cultural, podemos dizer que a concepção de infância se define conforme as transformações de um dado momento e de determinado contexto:

A dependência da criança frente ao adulto é uma característica social da infância que está presente, de uma forma ou de outra, nas diversas classes sociais qualquer que seja a organização da sociedade. Trata-se, no entanto, de um fato social, e não de um fato natural. [...] o sentido desta dependência varia de acordo com a classe social.

Esse conceito vai além das diferenças estabelecidas pela falta de idade entre o adulto e a criança, pois se associa em funções específicas e desempenhos no que diz respeito à classe social da criança. Conforme destacado por Kramer (1982, p. 23), “A criança é, portanto, financeiramente dependente do adulto”, ou seja, a criança depende de uma família para ter uma vida estável e confortável.

Trazendo a concepção de criança em momentos históricos distintos, quais sejam o feudalismo e o capitalismo, especificamente referido à concepção da burguesia, Kramer (1982, p. 19) escreve que a burguesia vê a criança como um “alguém que precisa ser cuidado, escolarizado e preparado para uma atuação futura”, enquanto na sociedade feudal, “a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto)” (KRAMER, 1982, p. 19). É no contexto social que se desenvolve o processo de socialização e interação entre a criança e a sociedade, entre as diversidades culturais. A concepção de criança e seu papel na sociedade muda nos diferentes momentos históricos.

A CRIANÇA HOJE

As primeiras tentativas de estabelecer uma nova abordagem sociológica da infância ocorreram em 1930. No entanto, Sarmiento (2009) aponta claramente que o estatuto da criança como objeto sociológico e a visão da infância como categoria social só cresceram no último trimestre do século XX. A infância, então, passa a ser aquela que constitui um modo de vida, que inspira maneiras de pensar, que cria momentos de viver. Para Sarmiento (2007), a infância é também uma categoria social geracional composta por sujeitos ativos. Esses atores agem e interpretam o mundo, criando padrões culturais, e suas culturas são o aspecto mais importante das diferenças na infância.

Desse ponto de vista, a criança é um ator social participando da construção de sua própria vida e da de todos aqueles que a cercam. As crianças têm voz própria, elas precisam ser ouvidas e levadas a sério, além de serem contempladas em espaços para participarem na tomada de decisões democráticas e no diálogo. Sarmiento (2004, p. 62) entende que as crianças, como atores sociais, devem ser vistas como capazes de construir

seus próprios mundos sociais. Elas “constroem o ambiente que as rodeia e a sociedade mais vasta em que vivem”.

Desde o final do século XIX, os ramos da ciência humana estudam a infância, mas só no início do século XXI surgem novas disciplinas como Ciências Sociais, Neurociências e a Economia, desempenhando um papel fundamental na colocação das crianças em primeiro lugar nas políticas e nos investimentos em materiais e equipamentos voltados à educação, instituições de ensino, programas formais e informais, e na formação de educadores que trabalham com crianças de 0 a 6 anos.

A primeira infância é um momento crucial, visto que nela ocorre o desenvolvimento – construção e aquisição de novas habilidades, sendo elas cognitivas, físicas, sociais e emocionais – de forma contínua, dinâmica e progressiva para a realização de funções cada vez mais complexas. Além disso, esse momento é fundamental para o desenvolvimento das estruturas cerebrais.

De acordo com o livreto *Nota 10 Primeira Infância* (S/A, p. 46):

é fundamental que os conhecimentos sobre esta área multidisciplinar e multissetorial sejam bem divulgados com o objetivo de chamar atenção sobre a importância deste período da vida na constituição dos seres humanos. Compreender a relevância de ações adequadas, por parte dos adultos, para garantir que as crianças possam ter uma vida significativa no que diz respeito às suas necessidades, seus interesses, direitos e potenciais constitui, sem dúvida, prioridade para o desenvolvimento saudável das futuras gerações.

Como mencionado, vemos a importância de responsáveis, cuidadores e profissionais compreenderem a relevância de suas ações na contribuição para o desenvolvimento pleno da primeira infância. Isso porque, nessa fase da vida, as crianças carregam consigo competências, capacidades afetivas, emocionais e cogniti-

vas e o caminho para desenvolver essas aptidões é assegurar um ambiente afetivo e seguro.

Ainda cabe destacar que:

É no período que vai da concepção aos 3 anos que irão se estabelecer as bases da organização emocional da criança. Essa organização compreende aspectos inatos, geneticamente herdados (que podem ser transmitidos de geração em geração), assim como as influências do entorno da criança, como, por exemplo, do lugar onde vive, mobilizadas pelas relações de vínculo que estabelecerá com seus familiares. Mesmo antes do nascimento, o desenvolvimento do bebê é influenciado pela qualidade das reações e da comunicação da mãe e do pai à presença do filho. E essa qualidade é que irá estruturando o desenvolvimento de modo adequado ou não atuando sobre o potencial inato da criança. (*livreto Nota 10 Primeira Infância, S/A, p. 10*)

Considerando a primeira infância no Brasil hoje e os novos paradigmas educacionais, percebe-se que são necessárias uma profunda reflexão e ações para avançar nas práticas cotidianas voltadas para a educação. Para isso, é importante pensar na infância não só como questão de domínio privado (apenas preocupação da família), mas também como domínio das medidas e políticas públicas; a infância como preocupação da sociedade.

APRENDIZAGEM, INTERAÇÕES E AFETIVIDADE

A aprendizagem inicia-se desde o começo da vida através do contexto em que essas crianças são expostas, dos estímulos e dos relacionamentos afetivos. A aprendizagem é fortemente influenciada pelo meio em que o sujeito se encontra e no qual interage (ambiente escolar e familiar, grupos sociais e culturais).

Os autores interacionistas Vygotsky e Wallon, por meio de pesquisas e estudos, trouxeram grandes contribuições sobre o desenvolvimento infantil. Em suas teorias, ambos consideram que o desenvolvimento humano se caracteriza por meio da mediação com o outro, atribuindo grande relevância nas interações com o meio em que se está envolvido. Segundo estas teorias:

O desenvolvimento humano não decorre da ação isolada de fatores genéticos que buscam condições para o seu amadurecimento nem de fatores ambientais que agem sobre o organismo, controlando seu comportamento. Decorre, antes, das trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a vida entre indivíduo e meio, cada aspecto influenciando sobre o outro. (OLIVEIRA, 2007, p. 126)

Para melhor explicar as trocas entre o indivíduo e o meio, Vygotsky coloca em primeiro plano de sua teoria a construção do pensamento e da linguagem, que ocorre na relação da criança com o outro, “quando ela internaliza as formas culturais de sua sociedade (linguagem, símbolos, gestos etc.)” (LOPES *et al.*, 2005, p. 25). Desta maneira, é preciso que a educação considere:

[...] um método que releve o que o sujeito pensa, o que representa e o que compreende das suas relações com o mundo. Assim, diante da fala do sujeito, acreditamos encontrar essa representação ou compreensão do pensamento. Afinal, precisamos levar o sujeito a exteriorizar o seu pensamento, sendo que somente na palavra falada é que será possível captar o momento de verdade, ou seja, buscar a gênese social do indivíduo, para compreender o que o constitui social, emocional e pessoalmente. (NOGUEIRA; LEAL, 2013, p. 88)

De acordo com Nogueira e Leal (2013), Vygotsky compreende que pensamento e linguagem são indissociáveis, assim também são os significados e sentidos, sendo o significado a produção

que se transforma em conceito que faz parte do plano verbal, e o sentido, constituído pela subjetividade e emoção do sujeito. Sendo assim, inteligência e emoção estão sempre juntas, “pois quando se realiza uma significação, a emoção está sempre presente” (NOGUEIRA; LEAL, 2013, p. 89).

Para melhor explicar a aprendizagem e a linguagem, Vygotsky criou níveis de desenvolvimento infantil, nos quais apresenta o desenvolvimento da aprendizagem da criança. Nestes, encontramos o nível de desenvolvimento real (o que a criança faz sozinha), zona de desenvolvimento proximal (em que ocorre a aprendizagem) e nível de desenvolvimento potencial (o que a criança faz com ajuda). De acordo com Lopes *et al.* (2005, p. 23), “Para Vygotsky, a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento [...] se dá no contexto dos relacionamentos entre as crianças e delas com os adultos, nas conversas, brincadeiras compartilhadas e imitações.”

Na teoria de Vygotsky, a aprendizagem ocorre na zona de desenvolvimento proximal, quando, segundo Oliveira (2007, p. 128), “a criança transforma as informações que recebe de acordo com as estratégias e o conhecimento por ela já adquiridos em situações vividas com outros parceiros mais experientes”. Sua teoria provoca reflexão sobre a importância da interação social no processo de aprendizagem da criança.

Considerando que a Educação Infantil também é um ambiente de interação que proporciona à criança o aprendizado, o estudo de Vygotsky, de acordo com Nogueira e Leal (2013, p. 93), “permitirá que repensemos o processo de transformação e de movimento: o aprendizado durante as interações sociais”.

Nessa mesma perspectiva, a teoria de Wallon apresenta o processo de desenvolvimento da criança por meio do ambiente social, cujos estudos investigam a “gênese” do ser humano, ou seja, sua origem, transformações e evolução. Na teoria walloniana, o sujeito se torna o que é, constituindo sua identidade a partir das interações com o meio:

Wallon afirmava que o ser humano é organicamente social. Cada sujeito humano se torna o que é, constitui sua identidade e seu conhecimento, nos relacionamentos sociais. Somos sujeitos a partir do outro, pela mediação do outro, ou seja, a partir da linguagem, que se coloca entre nós e o mundo, para organizar a nossa relação com ele. (LOPES *et al.*, 2005, p. 26)

De acordo com Galvão (1995), para esse interacionista o ser orgânico está além das condições sociais externas a que ele está submetido, mas existe também a determinação fisiológica, que são suas situações internas, isto é, os fatores de natureza orgânica e os de natureza social.

Nessa perspectiva, Wallon considera três aspectos importantes no desenvolvimento infantil: a afetividade, motricidade e cognição.

Esses três campos funcionais integram-se e alternam-se ao longo da evolução, apresentando momentos preponderantes de uns sobre os outros. Quando a afetividade prepondera sobre a inteligência, a pessoa passa a se voltar mais para a edificação do seu eu, de sua personalidade, num momento centrípeto. Já quando a função da inteligência é predominante, o movimento volta-se para o exterior, para a exploração dos objetos e do conhecimento, tendo uma orientação centrífuga. (BASTOS, 2003, p. 19)

Os três aspectos estão apresentados nos estágios de desenvolvimento criados por Wallon. Destes, os que predominam na faixa etária da Educação Infantil são o estágio impulsivo-emocional (até 1 ano), o estágio sensório-motor e projetivo (1 até os 3 anos) e o estágio do personalismo (dos 3 aos 6 anos).

A visão walloniana sobre os estágios ressalta o quão imprescindível é observar as relações do desenvolvimento infantil no ambiente escolar, sendo este um olhar de observação que

analise os problemas a serem investigados e busque meios para atingir os objetivos necessários.

No primeiro estágio, chamado de impulsivo-emocional, predominam a motricidade e a afetividade. O bebê produz suas emoções por meio do choro, sorriso, olhar e gestos, quando “os movimentos e reflexos impulsivos tornam-se comunicativos, pois, nas relações, o bebê passa a expressar-se para obter respostas e contatos dos adultos”, o bebê não consegue expor o que sente, tendo que ser interpretado pelo adulto a sua volta. (LOPES *et al.*, 2005, p. 26)

Ao observar a relação dos bebês com as educadoras, segundo Bastos (2003, p. 29), é possível notar as diferentes reações com cada uma delas:

Podemos supor que, mesmo estando pouco diferenciado do outro e ainda sem saber diferenciar o que lhe é interno e externo, o bebê sente a presença das pessoas, principalmente das que cuidam dele, e reage a elas de uma forma predominantemente emocional.

No segundo estágio – sensório-motor e projetivo – prevalecem a motricidade e a cognição. Nele, a criança desenvolve os movimentos ligados à atividade interna, ou seja, transforma os movimentos anteriores do bebê em atividade mental. “O ato interioriza-se, desloca-se de fora, do motor, ligado aos objetos físicos, para o mental, ligado à atividade interna da criança” (LOPES *et al.*, 2005, p. 29). Esse contato proporciona à criança maior autonomia na exploração do ambiente físico ao seu redor, propiciando, assim, o surgimento da linguagem e da independência.

O estágio do personalismo é marcado pela predominância da afetividade e caracteriza-se pela formação da personalidade da criança, da construção de si própria com relação aos outros. Segundo Galvão (1995, p. 44), “a construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância

das relações afetivas”. É esta consciência que tornará capaz de diferenciar-se do eu-outro.

Segundo Galvão (1995), a teoria sobre o desenvolvimento de Wallon é permeada por conflitos e interrupções; pensa que não é possível definir níveis de inteligência, pois esse desenvolvimento depende das influências e das condições que o meio e os demais indivíduos proporcionam para a apropriação desse sujeito. Eis a importância de se oferecer, na Educação Infantil, as condições necessárias para o desenvolvimento integral da criança, valorizando amplamente o âmbito afetivo.

AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

Partimos do pressuposto de que a afetividade pode potencializar a aprendizagem. Entendemos que a principal influência da afetividade está diretamente ligada com a intelectualidade, dentro do ambiente escolar. Quando a criança não está bem emocionalmente, seu desempenho intelectual se torna prejudicado, frágil perante os sentimentos e as emoções. A propósito, Galvão (1995, p. 66) ressalta que:

Na vida cotidiana é possível constatar que a elevação da temperatura emocional tende a baixar o desempenho intelectual e impedir a reflexão objetiva. O poder subjetivo das emoções [...] incompatibiliza-se com a necessidade objetiva das operações intelectuais, é como se a emoção embaçasse a percepção do real.

Assim, se a criança, em dado momento, não está bem emocionalmente, é preciso que o professor encontre caminhos para compreender essas manifestações, afinal, ele é uma das peças fundamentais para perceber a criança, pois seu olhar está voltado na maior parte do dia para ela.

É importante registrar que a afetividade, quando positiva, isto é, quando se encontra na esfera das emoções de bem-estar, pode contribuir muito para o processo de ensino e aprendizagem, além de auxiliar no desempenho da prática pedagógica do educador. Porém, quando negativa, muitas das vezes pode causar conflitos e consequências prejudiciais ao grupo, professor-aluno. Segundo Abreu (2017, p. 10), “os fenômenos afetivos são variados, constantes e inevitáveis. Permeiam a vida inteira de qualquer indivíduo”.

Para Leão (2017), as relações de ensino e aprendizagem mediadas pelos saberes escolares e saberes cotidianos são ricas em evidências que demonstram a interação dinâmica entre o desenvolvimento dos aspectos intelectuais e emocionais, influenciando as crianças neste conhecimento de diferentes formas afetivas, tais como: acolhimento, participação, distância, alegria, cansaço etc.

Em decorrência, as relações afetivas construídas em sala de aula têm se mostrado eficazes na promoção de uma relação de respeito e confiança entre professores e alunos. De acordo com Silva (2017, p. 10):

A conceituação proposta por Henri Wallon (1879-1962) que tem como foco a gênese dos processos psíquicos constituintes do ser humano (GALVÃO, 2003), nos permite compreender seu desenvolvimento a partir dos conceitos de “ato motor”, da inteligência, da afetividade e da pessoa.

“ A relação afetiva, no campo educacional, como um elemento facilitador, contribui para a melhor aprendizagem do aluno e é possível que o ambiente escolar seja um lugar propício ao desenvolvimento da afetividade e de sentimentos positivos que influenciam no bom rendimento escolar.

Ressalta Santos (2015, p. 10), que

A relação com o outro e o desenvolvimento de vínculos afetivos tanto quanto a promoção da autoestima são necessários e fundamentais para ampliar a capacidade cognitiva da criança e do indivíduo de forma geral. Além disso, é possível concluir ainda que a afetividade é base essencial e deve fazer-se presente em todas as etapas do processo educativo, pelo fato do professor ser o responsável pela consolidação de uma relação de ensino e aprendizagem saudável. Portanto, torna-se imprescindível a inclusão do afeto na construção da personalidade autônoma do aluno para que este atue como sujeito de si mesmo.

Assim, as relações afetivas mudam o ensino e aprendizagem das crianças na Educação Infantil, além de contribuir para a evolução do processo, conforme afirma Dias (2020).

AFETIVIDADE: IMPORTÂNCIA E IMPLICAÇÕES

A afetividade é uma das principais dimensões que forma o indivíduo, uma vez que influencia em seu desenvolvimento e é um aspecto de extrema importância para a formação do ser humano.

Segundo o Dicionário Etimológico virtual, a palavra afetividade, do verbo “afetar”, vem do latim *affectus*, que quer dizer “tocar, comover o espírito e, por extensão, unir, fixar”, isto é, significa, em sua origem, lugar onde o sujeito se liga, onde estabelece relações interpessoais.

Já no dicionário Michaelis Online encontramos o seguinte significado: “Qualidade ou caráter daquele que é afetivo. Conjunto de fenômenos psíquicos que se revelam na forma de emoções e de sentimentos. Capacidade do ser humano de reagir prontamente às emoções e aos sentimentos”. No Dicionário de Língua

Portuguesa (HOLANDA, 2010), encontramos definições bem semelhantes. A afetividade é vista como um conjunto de emoções, sentimentos e paixões que estabelecem o íntimo de cada pessoa.

De acordo com a psicologia moderna, a afetividade “é a base da vida psíquica”, é o que dá aos nossos atos e pensamentos o impulso vital. É na ligação com o outro, nos laços que estabelecemos com o mundo e com nós mesmos que encontramos uma razão de ser (REIMÃO *et al.*, 1978).

Sabino (2012, p. 91) define que “os afetos são todas as formas de emoções, sentimentos, paixões, estados de humor [...] que nos afetam e através dos quais somos afetados no convívio social”. Isso significa que as relações afetivas fazem parte da nossa vida, estão presentes a todo instante, seja no campo educacional, familiar, profissional, pessoal, dentre outros. Assim, vemos que

“ desde o nascimento o ser humano é envolvido pela afetividade e esse elemento é fundamental em seu desenvolvimento e no estabelecimento de suas relações com o próximo e com o meio.

Para a autora, a afetividade “trata-se de um aspecto essencial da constituição do ser humano” (SABINO, 2012, p. 82).

Na concepção de Wallon, “a afetividade tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade”, e o desenvolvimento da personalidade é a primeira etapa que a criança percorre dentre todas as outras e tem grande influência no sujeito que se tomará.

Na teoria walloniana, a afetividade é o ponto de partida para o desenvolvimento infantil, visto que através do afeto os valores se concretizam e o indivíduo forma o seu caráter, o qual permeará consigo durante toda a sua vida. Pensar sobre isso é contribuir para uma sociedade mais justa e solidária, formando

cidadãos capazes de transformar a realidade na qual estão inseridas; é refletir sobre os valores e os afetos que fazem diferença na dinâmica do espaço social.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017) encontramos no campo de experiência “o eu, o outro e o nós”:

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo em que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio.

Assim, vemos que a interação e as experiências sociais são fundamentais para a construção da criança, do eu, do outro e as interações vão determinar a personalidade do sujeito e a forma que ele irá interagir com o mundo. A forma que esse sujeito vai se direcionar em variadas situações é determinada pela relação que ele estabelece e, a partir daí, ele constrói o seu campo afetivo.

Diante do exposto, vemos que ao interagirmos com o meio e com o próximo já estabelecemos vínculos e laços afetivos, os quais influenciarão em nosso desenvolvimento pessoal pelo resto da vida.

“ É fundamental compreendermos que o desenvolvimento da criança é acompanhado pelas emoções e sentimentos, afinal, é na infância que a criança se consolida como sujeito participante das ações à sua volta.

Partindo dessas ações vivenciadas com objetos, adultos ou outras crianças, ela “extrai suas vivências emocionais” (ARCE; MARTINS, 2010, p. 70).

Um dos desejos de Saltini (2008), assim como de muitos educadores, é ver a educação como uma doação do ser humano para si mesmo e como um trabalho de amor; tendo o aluno a liberdade e a capacidade de criar, inventar, fazer novas coisas, buscar novos caminhos, aprender e descobrir com si mesmo, transformando o seu mundo por intermédio de significativas possibilidades de desenvolvimento e progresso.

É a partir das relações afetivas que são formadas as vivências e pensamentos. No caso das crianças, são experiências que marcam sua identidade e interferem positiva ou negativamente em seu desenvolvimento, marcas estas que, dependendo da mediação que o indivíduo teve dos educadores ao longo do período de formação básica, podem ser levadas durante toda a vida e refletidas em seu convívio social e familiar.

Recentemente, o que se tem visto é o fato de as escolas estarem atribuindo maior valor nos conteúdos e no conhecimento transmitido para os alunos ao invés de, antes de tudo, se preocupar em compreender a criança, seu meio social e afetivo, conforme expõe Saltini (2008, p. 16) ao afirmar que “as escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas”.

Partindo de tal pressuposto, faz-se necessário que o atendimento escolar passe a olhar a criança para além da inteligência,

para além das exigências intelectuais, percebendo que diante desse ser em processo de formação, existem diferentes experiências, ensinamentos, valores éticos, familiares e afetivos, sem esquecer que o que deve valer-se é o princípio do respeito e da compreensão às diferenças.

AFETO, PRÁTICA PEDAGÓGICA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Há uma lacuna na formação dos professores em relação à afetividade. Muitos não compreendem de fato o que é a afetividade, como ela pode implicar no processo de ensino-aprendizagem, como ela se manifesta nos ambientes escolares e como potencializá-la para contribuir no processo cognitivo das crianças. Assim, se faz necessário que a formação docente considere a temática a fim de proporcionar práticas pedagógicas que estimem a dimensão afetiva, de modo que a valorizem no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento humano.

“ Compreender as implicações da afetividade na aprendizagem é despertar no educador a valorização do afeto na escola,

de modo que estes profissionais percebam, nas vivências e nas práticas com as crianças, o valor e as contribuições positivas de um vínculo afetivo nos momentos de interação e intervenção no ambiente escolar:

Cacheffo (2017, p. 9), realizando um curso de formação continuada, e com base nos pressupostos teóricos wallonianos, para construir de modo colaborativo, com professores, saberes e práticas para subsidiar o trabalho com a afetividade do bebê e da criança pequena (4 meses a 3 anos e 11 meses), constatou que:

O estudo sistematizado sobre a dimensão afetiva é uma lacuna na formação inicial das professoras investigadas; que, embora [...] apontem que sua função é cuidar e educar a criança, em suas justificativas, a maternagem comparece como um dos aspectos constituintes da identidade da professora de creche; e que dialogar sobre as práticas educativas, de sorte a identificar os saberes da experiência e iluminá-los por subsídios teóricos wallonianos, promove a reflexão sobre os posicionamentos assumidos, possibilitando a identificação da teoria na prática [...] Assim, a produção de Henri Wallon, a partir dos seus subsídios teóricos, favorece a construção de saberes pedagógicos e práticos sobre o desenvolvimento afetivo infantil, cooperando para a constituição da profissionalidade das professoras de bebês e crianças pequenas.

Muitas vezes os professores têm uma visão da afetividade associada ora às emoções, ora aos sentimentos; não compreendem que emoções e sentimentos, quando tomados isoladamente, não representam toda a gama possível da afetividade. Assim, é de suma importância estudar a dimensão afetiva na formação inicial e continuada de professores de Educação Infantil, bem como a necessidade de a prática pedagógica valorizar a dimensão emocional para que possam apreciar o papel das emoções no desenvolvimento humano, contribuindo, assim, para a busca de uma educação mais humana e emancipatória, conforme destaca Galiani (2013).

A esse respeito, Lima (2013, p. 6) assevera:

Proporcionar uma formação que pense e sinta o corpo é necessário para poder transmitir esse cuidado para as crianças. A vivência da educação e do cuidado corporal para os professores pode auxiliar suas atividades dentro dos espaços escolares, permitindo um olhar mais sensível para com a infância. Com crianças ainda tão pequenas, são necessárias formas diferentes de linguagem

e interação, que não a escrita ou a fala. Ao repensar o papel e a formação do professor, foi possível notar a importância de se promover espaços que permitam aproximar os educadores das várias linguagens presentes no mundo das crianças.

Com esse olhar podemos dizer que é de fundamental importância incluir nas práticas formativas de professores para a Educação Infantil a afetividade na relação do professor com as crianças, como também envolver todos os segmentos que compõem a escola, visando o fortalecimento da instituição enquanto espaço de relações dialógicas e afetivas, no qual todos compreendam a importância de tais relações e da responsabilidade de cada um e de todos no processo educativo vivenciado pela criança pequena.

AFETO E A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

O professor é quem faz a mediação entre aluno e conhecimento e nesse processo criam-se relações que podem ou não auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. A relação professor-aluno, que acontece o tempo todo, seja positiva ou não, e de forma compulsória, pode ser um fator de interferência na aprendizagem. Quando as relações imbuídas de afeto tornam-se significantes, o processo de ensino-aprendizagem das crianças vai muito além disso. Conforme Freire (1996, p. 159),

A afetividade está na origem, no processo, nas estruturas e no significado do conhecimento e de tudo que se faz. Ela envolve a totalidade do ser humano, é a base estrutural e a fonte de motivação do conhecimento.

“ É por meio das relações afetivas que o educador terá acesso aos seus alunos e poderá ampliar todos os aspectos do desenvolvimento de seu potencial criativo.

O processo de aprendizagem se dá na interação entre a vida do aluno e a vida do educador.

Os afetos produzidos nas interações que envolvem diferentes objetos do conhecimento repercutem no aprendizado dos alunos. Martins (2018, p. 6) afirma que

cada indivíduo se constitui a partir de bases históricas e culturais, que se manifestam nas relações que ele estabelece com os outros e com os objetos do meio. Essas relações produzem sentidos por meio de inúmeras linguagens que revelam como cada um se sente afetado e pode afetar mutuamente o outro. A dimensão afetiva é parte da vida psíquica que se desenvolve no processo relacional, dentro do qual se constitui a identidade e a personalidade consciente.

A afetividade é considerada o ponto-chave de uma relação professor-aluno eficaz. Quando os alunos se sentem motivados, seu comportamento muda positivamente e seu interesse em aprender aumenta rapidamente, levando a uma melhor aprendizagem. “O aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente, pelas atitudes e métodos de motivação adotados pelo docente na sala de aula” (SILVA; NAVARRO, 2012).

O estudo referente às implicações da afetividade para potencializar a aprendizagem na primeira infância, com crianças de 0 a 3 anos, levou a concluir que o processo de aprendizagem se dá por meio das relações; os conhecimentos se constroem a partir das interações que as pessoas estabelecem entre si, e valorizar a prática da afetividade na aprendizagem, principalmente

na primeira infância, é favorecer o desenvolvimento cognitivo e corroborar com o processo de aprendizagem das crianças, além de construir uma educação humanizada, voltada para o ser humano. O afeto é um aspecto de imensa importância na vida e no desenvolvimento da criança.

A principal influência da afetividade está ligada à cognição, à aprendizagem.

“ Os vínculos afetivos são necessários e fundamentais para ampliar a capacidade cognitiva da criança e auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

A afetividade também nas relações humanas contribuirá nas ações direcionadas a uma educação voltada ao ser humano e à sua humanização.

Há lacunas na realização de estudos sobre a afetividade e a prática pedagógica que indicam que essa questão é pouco explorada na formação inicial e continuada de professores. Em decorrência, a prática pedagógica dos professores de Educação Infantil não expressa as teorias apresentadas sobre a afetividade, sua importância e valorização. Os estudos apontam que é importante que a formação do professor aborde essas questões, tendo em vista práticas pedagógicas que estimulem a dimensão afetiva, de modo que a valorizem no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento humano.

A relação professor-aluno acontece constantemente e compulsoriamente, assim é imbuída de vínculos e sentimentos, sejam positivos ou não, e por isso geram implicações no processo de ensino-aprendizagem. Quando há uma relação saudável e positiva, os vínculos afetivos contribuem para que não só o ambiente escolar (sala de aula), mas o processo de aprendizagem, seja leve e significativo.

Ainda que a questão da afetividade na educação tenha sido objeto de vários estudos que abordam afeto e aprendizagem; afeto, prática pedagógica e formação do professor; afeto e relação professor-aluno; afeto em diferentes contextos (gestão, relação família-escola e cuidar e educar, observa-se que há lacunas quanto a pesquisas voltadas à Educação Infantil, em específico às crianças de 0 a 3 anos, em relação ao afeto e à aprendizagem.

Um aspecto revelador foi a importância de o professor entender a criança como portadora de sentimentos e emoções que precisam, muito mais que “conteúdos”, trocas de afeto que poderão favorecer a formação humana dos educandos. Assim sendo, a afetividade é de fundamental importância na prática pedagógica desenvolvida nas escolas com crianças pequenas. Afeto é um aspecto formador e humanizador. Quando há investimento na esfera afetiva, pode-se possibilitar transformações no processo de aprendizagem.



SÍNTESE DO APRENDIZADO

A AFETIVIDADE:

- ▶ É uma das principais dimensões que forma o indivíduo;
- ▶ Influencia no desenvolvimento do sujeito;
- ▶ É um elemento fundamental no desenvolvimento e no estabelecimento das relações do ser humano com o próximo e com o meio;
- ▶ É o ponto de partida para o desenvolvimento infantil.

OS ESTUDOS DESTE VOLUME REVELARAM QUE:

- ▶ O processo de aprendizagem se dá por meio das relações, seja com o ambiente ou com os sujeitos envolvidos;
- ▶ Os conhecimentos se constroem a partir das interações que as pessoas estabelecem entre si;
- ▶ Valorizar a prática da afetividade na aprendizagem, principalmente na primeira infância, é favorecer o desenvolvimento cognitivo e corroborar com o processo de aprendizagem das crianças, além de construir uma educação humanizada, voltada para o ser humano.

NÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL (SEGUNDO VYGOTSKY):

- ▶ Nível de desenvolvimento real: o que a criança faz sozinha;
- ▶ Zona de desenvolvimento proximal: em que ocorre a aprendizagem;
- ▶ Nível de desenvolvimento potencial: o que a criança faz com ajuda.

ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO, CRIADOS POR WALLON:

- ▶ Estágio impulsivo-emocional (até 1 ano): predominam a motricidade e a afetividade;
- ▶ Estágio sensório-motor e projetivo (1 até os 3 anos): prevalece a motricidade e a cognição;
- ▶ Estágio do personalismo (dos 3 aos 6 anos): é marcado pela predominância da afetividade e caracteriza-se pela formação da personalidade da criança, da construção de si própria com relação aos outros.



DICA



Quer conhecer mais estratégias para tornar suas aulas mais afetivas no ambiente online?

Assista ao webinar desenvolvido pela equipe StandFor, da FTD Educação, sobre o tema e se aprofunde ainda mais:

https://youtu.be/ljsU0_WV7TM



#E AÍ...

VOCÊ SABE IDENTIFICAR QUAIS TENDÊNCIAS, RECORRÊNCIAS E LACUNAS DAS PRODUÇÕES ATUAIS DISCUTEM AS IMPLICAÇÕES DA AFETIVIDADE PARA A APRENDIZAGEM NA PRIMEIRA INFÂNCIA?



REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ABREU, J. *A afetividade em Edgar Morin e Sigmund Freud: um olhar para a educação*. Orientadora: Lígia de Carvalho Abões Vercelli. 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2017.

ANDRÉ, R. *Creche: desafios e possibilidades uma proposta curricular para além do Educar e Cuidar*. Orientadora: Neide de Aquino Noffs. 2016. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2016.

BASTOS, A. B. B. I. *A construção da pessoa em Wallon e a constituição do sujeito em Lacan*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOCK, A. M. B. (org). *Psicologia: uma Introdução ao Estudo de Psicologia*. 13. Ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CACHEFFO, V. *Afetividade na creche: construção colaborativa de saberes e práticas docentes a partir da teoria walloniana*. Orientadora: Gilza Maria Zauhy Garms. 2017. 126 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, UNESP, Presidente Prudente, 2017.

CAIRES, T. *Relação entre meio afetivo familiar e ambiente escolar: estudo realizado em uma escola municipal de Educação Infantil de Campinas*. Orientadora: Norma Sílvia Trindade de Lima. 2014. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, UNISAL, Americana, 2014.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

DIAS, J. V. *Relações afetivas e mediação pedagógica na educação infantil*. Orientadora: Maria Aparecida Pacheco Gusmão. 2020. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

DORNELLES, L. V. Produzindo pedagogias interculturais na infância. In: SARMENTO, M. J. (org.). *Culturas infantis e interculturalidade*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 19-39.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GALIANI, S. *A afetividade nas práticas pedagógicas: atitudes e expressões verbais nas interações professora-crianças, sob a perspectiva de Henri Wallon*. Orientadora: Gilza Maria Zauhy Garms. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2013.

GAZZOTTI, D. *Afetividade, emoção e vínculo nas relações escolares: uma perspectiva histórico-cultural*. Orientadora: Marilene Proença Rebello de Souza. 2019. 194 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

GOELZER, J. *O diálogo e a Afetividade no contexto da Educação Infantil: as "Pessoas Grandes" dizendo a sua palavra*. 2014. 229 f. Orientador: Celso Ilgo Henz. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

GOMES, C. A. V. O lugar do afetivo no desenvolvimento da criança: implicações educacionais. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.18, n. 3, p. 509-518, jul/set 2013.

Importância do desenvolvimento infantil. In: Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV (eds.). *Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância* [on-line]. <http://www.encyclopedia-crianca.com/importancia-do-desenvolvimento-infantil/sintese>. Atualizada em: set. 2020. Acesso em: 26 set. 2020.

KRAMER, S. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

KRUEGER, M. F. *A relevância da afetividade na educação infantil*. Associação Educacional Leonardo da Vinci – ASSELVI. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-04.pdf>. Acesso em: 2 out 2020.

LEAL, C. *Relação de ajuda como ação educativa: o olhar do facilitador sobre a afetividade*. Orientadora: Regina Célia Amaro Faria Giora. 2017. 208 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

LEÃO, D. S. *Linguagem na sala de aula: marcas intelectivas, afetivas e emocionais nas interações de conhecimento*. Orientador: Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo. 2017. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade Federal do Pará, Pará, 2017.

LIMA, M. P. *Vitória vai à escola: o papel da afetividade na formação de professores da educação infantil*. Orientador: Adilson Nascimento de Jesus. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

LOPES, K. R.; MENDES, R. P.; FARIA, V. L. B. de. (orgs.) *Coleção Proinfantil*. Livro de estudo: Módulo II. – Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2005.

MARTINS, E. S. *O afetivo nas relações de conhecimento: repercussões das dinâmicas interativas na sala de aula*. Orientador: Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo. 2018. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade Federal do Pará, Cametá, 2018.

MOREIRA, B. B. A importância da afetividade na aprendizagem. *CADERNOS DE EDUCAÇÃO: Ensino e Sociedade*, Bebedouro, v. 4, p. 199-213, abril 2017. Disponível em: http://repositorio.unifafibe.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/324/2017_BBM.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 7 out. 2020.

NOGUEIRA M. O. G.; LEAL D. *Teorias de aprendizagem: um encontro entre os pensamentos filosófico, pedagógico e psicológico*. Curitiba: Intersaberes, 2013.

O COMEÇO da vida. Direção: Estela Renner. Brasil: Maria Farinha Filmes, 2016. (120 min).

OLIVEIRA, P. S. *A relevância da afetividade nos processos de aprendizagem*. Orientadora: Luciana Fontes Pessoa. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

OLIVEIRA, R de C. *Afetividade e desenvolvimento humano: implicações para a gestão escolar*. Orientadora: Betânia Alves Veiga Dell' Agli. 2017. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Ambiente e Sociedade) – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino – FAE, São João da Boa Vista, 2017.

OLIVEIRA, Z. R. de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PELINSON, K. C. A. *Dimensão afetiva no processo ensino-aprendizagem: significações constituídas pelo professor de educação infantil*. Orientadora: Ana Mercês Bahia Bock. 2017. 153 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

REIMÃO, C.; MADUREIRA, V.; MUÑOZ, M. L. *Psicologia moderna: dicionário de psicologia*. São Paulo: Verbo, 1978.

RIBEIRO, R. dos S. *A afetividade no ensino fundamental: o estado do conhecimento e as contribuições de Piaget e Wallon*. Orientadora: Teresa Cristina Barbo Siqueira. 2017. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

SANTOS, D. *A relação afetiva educativa entre o professor e o aluno como artifício facilitador do processo de ensino e aprendizagem, diálogos a partir de Henry Wallon*. Orientador: Iuri Andréas Reblin. 2015. 66 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade EST, São Leopoldo, 2015.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (coords.). *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação*. Porto: Asa, 2004.

SARMENTO, M. J. Estudos da Infância e sociedade contemporânea: desafios conceituais. *O Social em questão*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 21, p. 15-30, 2009.

SILVA, L. *A afetividade na prática de professores de escolas públicas bem-sucedidas em avaliações de larga escala*. 2016. 184 f. Orientadora: Sandra Francesca Conte de Almeida. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2016.

SILVA, O. G.; NAVARRO, E. C. A relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem. *Revista Eletrônica da Univar*, 8(3):95-100, 2012.

SILVA, R. F. *As emoções e sentimentos na relação professor-aluno e sua importância para o processo de ensino e aprendizagem: contribuições da teoria de Henri Wallon*. Orientadora: Rita Melissa Lepre. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.

SOUSA, P.; SANTOS, F.; VALVERDE, C. A influência da afetividade no processo de aprendizagem. *Pedagogia em Foco*, 11 (6), 168-179, 2016.

TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. *In: Reunião anual da ANPEd*, 23., 2000, Caxambu. *Anais [...]. Anuário-2000 Psicologia: análise e crítica da prática educacional*. Goiás: Gráfica e Editora Vieira, 2000.



INDICAÇÕES DE LEITURA

- ▶ ALMEIDA, L. R. de. *Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- ▶ ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- ▶ Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância. *Estudo nº 1: o Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem*. Núcleo Ciência pela Infância, 2014.
- ▶ CORRÊA, M. de S. *Criança, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Cengage Learning, 2015.
- ▶ COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. *Neurociência e educação: como o cérebro aprende*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- ▶ FARIA, A. R. *O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget*. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1993.
- ▶ GALVÃO, I. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- ▶ MAIA, J. N. *Concepções de criança, infância e educação dos professores de Educação Infantil*. Campo Grande: UCDB, 2012.
- ▶ MARINO, E. (org.) *Dez passos para implementar um programa para a primeiríssima infância*. 1. Ed. São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2014. (Coleção primeiríssima infância)

- ▶ PAPALIA D. E.; FELDMAN, R. D. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013.
- ▶ PIAGET, J. *A Representação do Mundo na Criança*. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- ▶ SABINO, S. *O afeto na prática pedagógica e na formação docente: uma presença silenciosa*. São Paulo: Paulinas, 2012.



Conheça outros títulos desta coleção

DESENVOLVIMENTO INFANTIL

.....

DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL

.....

BRINCADEIRAS E JOGOS

.....

ARTES COMO DESENVOLVIMENTO
DE HABILIDADES

.....

PROCESSO DE LETRAMENTO

.....

ALFABETIZAÇÃO

.....

INCLUSÃO ESCOLAR

.....

EDUCAÇÃO AMBIENTAL



ACESSE O PORTAL CONTEÚDO ABERTO



Encontre os conteúdos que você já acompanha em uma área específica de acesso para professores e outra para estudantes. Confira, através das categorias, os recursos que podem te ajudar no dia a dia escolar.



Tudo disponível de forma
aberta e gratuita, com
atualizações o ano todo.

Leia o QR CODE ou acesse:
conteudoaberto.ftd.com.br

